

Resenha

ORIGENS DAS AÇÕES AFIRMATIVAS NA DIÁSPORA AFRICANA

GLEDHILL, Sabrina. Travessias no Atlântico Negro: Reflexões sobre Booker T. Washington e Manuel R. Querino. Salvador: Edufba, 2020. 300 p.

■ Marcos Rodrigues

O livro recente de autoria da pesquisadora e brasilianista inglesa Sabrina Gledhill, com viés no campo biográfico, lança luz sobre as histórias de vida do norte-americano Booker T. Washington (1856/1915) e do brasileiro Manuel R. Querino (1851/1923) na linha e enfrentamento ao racismo, no espaço concebido e contextualizado como Atlântico Negro. A publicação apresenta um estudo comparativo a partir do período final da escravidão nas Américas e traz a oportunidade de ampliar os espaços de discussão e de reflexão sobre temáticas da diáspora africana. Uma abordagem cujo enfoque é o protagonismo negro na diáspora do atlântico americano.

De início, caberia uma questão: O que teria levado uma pesquisadora europeia a escolher investigar a vida de duas pessoas negras diversas, em realidades distantes, sem se cruzarem nem se conhecerem, mas com ideais semelhantes? Sendo uma mulher migrante, com experiência na área de História e Antropologia das populações afro-brasileiras, vinda dos Estudos Latino-Americanos na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), Estados Unidos, a autora confessa que foi motivada a escrever esse livro pela necessidade de resgatar a memória de dois pensadores importantes para a história da diáspora negra que denotam o valor da educação para a libertação da mente humana. Nas entrelinhas, entende-se o mapeamento das histórias de Booker Washington e Manuel Querino em suas batalhas antirracistas e antirracistas para retomar um debate de reparação ao esquecimento e rejeição do saber.

O livro começou como uma tese de doutorado no Programa de Estudos Étnicos e

Washington no século XXI e reabilitar a imagem de Manuel Querino no Brasil. Eles foram protagonistas de suas histórias, deixaram um legado de experiências e deram visibilidade às contribuições da civilização africana na formação social das duas nações americanas. Foram duas personalidades que utilizaram o intelecto para visibilizar o lugar do negro na diáspora. A importância desse livro certamente decorre da abordagem sobre a história política e social que refletiram no desenrolar das relações raciais nos Estados Unidos e no Brasil. Portanto, trata-se de uma narrativa direcionada ao debate intelectual.

Organizado em quatro substanciosos capítulos, vasto referencial bibliográfico e dois anexos, o livro se dispõe a cruzar informações, recuperar fatos, reparar danos de memória e preencher lacunas, conforme a necessidade e a proposta da pesquisa realizada com grande apoio epistemológico. Sabrina Gledhill apresenta um trabalho bem de acordo com a sua trajetória de vida marcada pelo deslocamento. Assim como ela, também seus personagens em foco tiveram suas vidas plenas de mudanças de hábitos e lugares. Na introdução, a autora apresenta seus parceiros teóricos que vão acompanhar a sua narrativa sobre os contextos sociais em que viveram os sujeitos em questão. Os territórios e as pessoas são diferentes, mas as formas de luta e afirmação se assemelham diante da política de dominação sistemática. Esse é o caminho percorrido nas travessias racialistas pelos dois personagens com mediação da pesquisadora.

Natural de Santo Amaro, na Bahia, Manuel Querino possui alguma visibilidade no exterior e é pouco conhecido no Brasil, segundo o relato da pesquisa, inclusive mantido numa linha de exclusão e apagamento como um dos precursores da antropologia e da história da arte nacional. Booker Washington, nascido na Virginia (EUA), é ainda mais desconhecido, apesar de uma autobiografia publicada no Brasil, com tradução do escritor Graciliano Ramos, em 1940, recheada de equívocos, conforme observa a autora. Ao que parece, não há uma precisão sobre sua aparição nos meios intelectuais brasileiros. A questão é que os libertos, em sua maioria, não tinham a instrução do letramento, saber ler e escrever era proibido pela lei da política colonial. Ainda num tempo em que a tecnologia da comunicação não era tão veloz, vale salientar que ambos apostaram na educação como estratégia para inverter a condição de subalternidade.

Gledhill aproveita para explicar as diferentes formas de classificação do negro nos Estados Unidos e no Brasil. Assim, trabalha os conceitos de nação e pertencimento étnico a partir das designações do racismo científico e segue, no capítulo 1, traçando um panorama social da diáspora atlântica através de redes e conexões entre intelectuais da época. Lutar contra as ideias racialistas foi o lema dos dois homens em estudo, cada um no seu país, inclusive

o processo de reconhecimento da mestiçagem a partir da hipodescendência nos Estados Unidos e a criação de categorias intermediárias no Brasil com base nas tonalidades da pele. Lá o mestiço em qualquer nível é negro, aqui as categorizações flexibilizam o caráter de definições racializadas. Os dois países compartilham o passado escravo em suas histórias com a estratégia de manter os escravizados sob o controle da ignorância, e, após o decreto da abolição, com uma diferença de pouco mais de 20 anos, a perseguição aos libertos em suas manifestações classificadas como vadiagem. A autora procura situar os dois personagens entre o fim do século XIX e início do século XX, a partir de retrospectos e de fatos históricos.

No capítulo 2, com elementos autobiográficos, a autora elabora o discurso da imagem dos dois intelectuais como referências negras na luta de libertação, por meio da instrução do trabalho, de atitudes solidárias e alianças com as relações de poder. Também analisa como os dois pensadores se mostraram e foram percebidos aos olhos dos outros. Alguns pontos são comuns entre eles. Nas biografias autorizadas, procuravam combater os estereótipos do negro reforçados pelo sentimento de dominação do branco e a baixa autoestima da comunidade. Nasceram no período da escravidão, tiveram tutela de brancos, foram intelectuais pioneiros com o lema da educação profissionalizante para libertação social do negro. Embora cada no seu modo de atuação, ambos foram intelectuais da comunidade negra voltados à necessidade de qualificar os irmãos de cor. Washington criou um instituto que virou universidade, tornou-se consultor da presidência da república, publicou livros. Querino, certamente o primeiro estudioso da civilização africana na Bahia, foi militante operário, político, educador, etnólogo e autor de vários livros.

No capítulo 3, o enfoque gira em torno da reputação de Washington e Querino na posteridade. Foram muitas interpretações distorcidas a serem reparadas. O primeiro goza de desafetos e chega a ser classificado como traidor por aceitar dinheiro após a Guerra de Secessão. O segundo chega a ser considerado referência em civilização africana na Bahia, mas é ignorado por ocasião do Congresso Afro-Brasileiro em 1937, sofre acusação de plágio e é rejeitado como ícone no meio acadêmico. Apesar de reconhecido como negro mais famoso do mundo, Washington tinha contra si a exigência para ser uma liderança mais aguerrida e agressiva. Chegou a ser acusado de comodismo e começou a ser esquecido ainda em vida, apesar de várias biografias publicadas a seu respeito. Querino, embora visto como modesto e altivo, não passou de um *humilde professor negro*. Agora, ambos passam por uma releitura sobre suas contribuições na contramão da política de esquecimento e recusa pelo discurso dominante.

O capítulo 4 aborda sobre a visibilidade de Booker T. Washington na imprensa brasileira, na primeira metade do século XX, e como a classe intelectual negra poderia conhecê-lo. A autora se dedica à leitura de uma resenha em série no jornal Diário da Bahia sobre a vida e a obra do pensador, escrita por uma jornalista francesa. Segundo revela a pesquisa, Washington foi o negro mais famoso do mundo no seu tempo. Entretanto, conforme a investigação, sua imagem de educador negro, líder da nação negra nos Estados Unidos foi apagada da imprensa brasileira.

Em termos de conclusão, a autora destaca que ambos se empenharam em garantir aos negros o aprendizado de um ofício para sobreviver na condição de liberto e reforça que nenhum esforço no Brasil foi feito para educar o ex-escravo e seus descendentes, reflexo ainda hoje visível. A diferença só está no tempo. A pesquisadora levanta a memória de dois intelectuais

ilustres que marcaram época na história de seus países como alerta de memória aos idealizadores da escola integral dos dias atuais. Ao que parece, a pedagogia diferenciada pertence à nossa ancestralidade.

A tese de Sabrina Gledhill foi avaliada por uma banca examinadora das melhores já vistas no Pós-Afro. O conteúdo do debate e as explanações dos professores convidados não deixaram dúvida sobre a decisão de recomendar a publicação desse livro. E agora de volta às origens, na Inglaterra, a autora deixa o resultado entre nós para viajarmos na condição de leitores entre os alinhavos e possíveis discussões a respeito das polêmicas levantadas. Enquanto isso, outras críticas públicas estão por vir acerca do discurso construído em torno da notoriedade e do esquecimento de Booker Washington e de Manuel Querino, já que temos formas de racialização renovadas pelo capitalismo.

Marcos Rodrigues

Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela UFBA.
E-mail: jmbr.ba@gmail.com

EDITORA E GRÁFICA DA FURG
CAMPUS CARREIROS
CEP 96203 900
editora@furg.br